CISION

Expresso

ID: 111743758

21-06-2024

Meio: Imprensa
País: Portugal
Área: 951,27cm²

Âmbito: Informação Geral
Period.: Semanal
Pág: 29

Cinco duros e um reformista disputam as presidenciais

Os iranianos vão a votos a 28 de junho para **escolher o sucessor do Presidente Ebrahim Raisi**, morto num desastre de aviação

MARGARIDA MOTA

Há três anos, nas últimas presidenciais no Irão, a afluência às urnas foi inferior a 50% pela primeira vez desde a Revolução Islâmica de 1979. Com eleições a 28 de junho próximo, o Conselho de Guardiães aprovou seis nomes, um deles reformista, o que não acontecera no último escrutínio.

"Aumentar a taxa de participação é muito importante para o Governo", diz ao Expresso o politólogo iraniano Javad Heiran-Nia. "A certificação de Massoud Pezeshkian serve o propósito de aumentar a participação para 50%-55%, o que seria considerado uma forma de legitimação do sistema político após os protestos em torno do caso Mahsa Amini."

Mohammad Baqer Qalibaf

62 anos
Atual presidente do Parlamento
Conservador

O atual presidente do Parlamento foi escolhido em 2020, após legislativas que resultaram numa maioria de deputados principialistas. Esta corrente conservadora defende que "há que proteger o modo de vida no Irão em 1979, congelar o momento da Revolução", explica ao Expresso Tiago André Lopes, professor de Relações Internacionais da Universidade Portucalense. "Consideram que o Irão está numa bolha temporal em que os princípios ideológicos não podem acompanhar a evolução dos tempos, são imutáveis." Mohammad Baqer Qalibaf tem 62 anos e nasceu em Torqabeh, na província de Razavi Khorasan (Nordeste). Filho de mãe persa e pai curdo, é doutorado em Geografia Política pela Universidade Tarbiat Modares, de Teerão. Começou a carreira militar no conflito Irão-Iraque (1980-1988), "uma guerra sagrada" que "está na memória dos iranianos, já que cada família tem um mártir ou veteranos", como recorda ao Expresso o iraniano Mohsen Ghasemi. "O Irão defendeu-se. Muitos países apoiaram o Iraque, que tinha um regime ditatorial." Em 1997, Qalibaf assumiu o comando da Força Aérea da Guarda Revolucionária, onde se manteve até 2000. Depois, o Líder Supremo nomeou-o chefe das forças policiais, até 2005. Abandonou o posto para se candidatar à presidência da Câmara de Teerão, de onde saiu em 2017. Nos últimos 20 anos perdeu três presidenciais.

Massoud Pezeshkian

69 anos
Ex-ministro da Saúde
Reformista

Médico cardiologista, foi ministro da Saúde sob a presidência do reformista Mohammad Khatami (2001-2005). Durante a pandemia de covid-19 disse que os números do Ministério da Saúde "não são verdadeiros". Recentemente repetiu críticas ao Governo sobre a imposição do *hijab*, que motivou protestos após o caso Mahsa Amini. "É culpa nossa. Queremos implantar a fé religiosa através do uso da força. É impossível", disse. "Queremos que os nossos filhos sejam modestos, mas se o nosso comportamento os faz odiar a nossa religião, deveríamos pelo menos abster-nos de continuar com este método." "Durante os protestos disse que a culpa do que acontecia era do regime, e não da jovem. Pôs sempre o ónus da culpa no excesso de vigilância da polícia moral", comenta Tiago André Lopes. "Também defende a introdução da língua azeri no ensino público, por causa da sua origem." Nascido em 1954 em Mahabad, na província do Azerbaijão Ocidental (Oeste), é filho de um azeri e de uma curda. "Pezeshkian pode tornar-se um fenómeno se os curdos e os azeris lhe derem apoio. Corre sério risco de ganhar", diz o professor. Para tal terá de convencer eleitores descontentes de que representa uma mudança real. A seu favor tem a ficha limpa em matéria de corrupção. Deputado desde 2008, é o mais velho dos seis candidatos e o único reformista. "No Irão dizem que estas são umas 'eleições de engenharia'", diz Mohsen Ghasemi, investigador no Instituto Português de Relações Internacionais (IPRI). É defensor do acordo internacional sobre o programa nuclear de 2015.

A aceitação de um reformista, o que não houve há três anos, visa garantir mais de 50% de afluência

Saeed Jalili

58 anos
Ex-negociador do acordo nuclear
Conservador

Tem 58 anos e nasceu na cidade santa de Mashhad (Nordeste). De 2007 a 2013 foi um inflexível negociador-chefe do acordo nuclear. Antiamericano, é visto como possível réplica de Ebrahim Raisi, cuja morte num acidente de aviação precipitou as eleições. Crente nos princípios da República Islâmica, é um principialista. Em 2002 doutorou-se em Ciência Política e hoje ensina Diplomacia do Profeta. "Ao nível dos costumes, defende uma sociedade muito conservadora", assegura Tiago Lopes. "Em termos sociais, é um reacionário. Acha que o Islão está em guerra contra os não muçulmanos, em especial os falsos crentes." A guerra Irão-Iraque custou-lhe a perna direita e moldou-lhe a visão do mundo, já que os Estados Unidos e a Europa apoiaram o Iraque.

Alireza Zakani

58 anos
Presidente da Câmara Municipal de Teerão
Conservador

É um político da linha dura, com a alcunha de "tanque revolucionário", que preside à Câmara Municipal de Teerão desde 2021. Enquanto autarca, tem-se revelado entusiasta de medidas controversas, como a construção de mesquitas em parques públicos ou o Plano Noor, que visa impor à força o uso do *hijab* (véu islâmico) às iranianas. A campanha tem como alvo empresas e indivíduos que desafiam as regras de indumentária da República Islâmica — cobrir a cabeça das mulheres e disfarçar os contornos do corpo — e procura ir ao encontro do incómodo de cidadãos devotos confrontados com cada vez mais mulheres de cabelos soltos em público. A sua entrada na Câmara Municipal da capital iraniana foi o término de um período dedicado ao Parlamento, durante o qual foi deputado em dois períodos: 2004-2016 e 2020-2021. No Parlamento (*Majlis*), Alireza Zakani presidiu a uma comissão encarregue de trabalhar o acordo nuclear e opôs-se a esse entendimento internacional. Regressa agora à disputa presidencial, após ter sido desqualificado pelo Conselho de Guardiães duas vezes (2013 e 2017) e de ter desistido da corrida em 2021 para apoiar o vencedor, Raisi. Nasceu em 1966 em Teerão, no seio de uma família religiosa. O pai era um conhecido atleta, que lhe transmitiu a paixão pela luta livre, mas, já adulto, foi a informação que mais o entusiasmou. Hoje é proprietário de um *site* noticioso e de um semanário. É visado por sanções decretadas pelo Reino Unido por envolvimento em casos de graves violações dos direitos humanos no Irão.

Mostafa Pour-Mohammadi

64 anos
Ex-ministro do Interior e da Justiça
Conservador

Nasceu em 1960 na cidade santa de Qom, onde frequentou o Seminário Haqqani, importante escola do pensamento xiita. Nestas eleições é o único candidato clérigo. O passado persegue-o. Após a Revolução, foi procurador em "tribunais revolucionários" em várias províncias. Integrou a "comissão da morte", à qual se atribui a execução de mais de 30 mil prisioneiros políticos, em 1988. "Está ligado aos órgãos no centro de tudo o que são condenações do Irão por violações dos direitos humanos", vinca o docente. Foi ministro do Interior (2005-2008) na era do conservador Mahmud Ahmadinejad, e da Justiça (2013-2017) sob o reformista Hassan Rouhani. No ano passado pôs o dedo na ferida: "A geração jovem distanciou-se de nós. As pessoas deviam estar interessadas em participar nas eleições. Temos de analisar a situação de forma realista. A satisfação popular diminuiu e muitas entidades governamentais são responsáveis."

Maior participação seria vista como "legitimação do sistema político", diz um politólogo iraniano

Amir-Hossein Ghazizadeh-Hashemi

53 anos
Vice-presidente
Conservador

Tem 53 anos e é cirurgião de formação. Foi deputado entre 2008 e 2021, mas é um rosto desconhecido. Candidata-se à presidência pela segunda vez — em 2021 ficou em quarto, com pouco mais de um milhão de votos. O Presidente eleito, Raisi, nomeou-o primeiro vice-presidente e chefe da Fundação dos Assuntos dos Mártires e dos Veteranos, que concede empréstimos a veteranos deficientes e a famílias de "mártires". Esta organização paraestatal é alvo de sanções dos Estados Unidos, acusada de financiar grupos como o Hezbollah libanês. "É, talvez, o candidato mais fraco", conclui Tiago André Lopes. "Pour-Mohammadi e Jalili, por serem ultraconservadores, têm o apoio de parte da sociedade e do *establishment*. Qalibaf tem apoio do Parlamento e da Guarda Revolucionária. Hashemi é uma figura inócua. Mas se o regime quiser controlar o próximo Presidente é o candidato ideal."

mmota@expresso.impresa.pt